

# Onde o tempo para

Diana  
Ganhão

SECRET  
SOCIETY



**SECRET SOCIETY**

**TRIGGER WARNINGS**

Conteúdo sexual

Divórcio



*Para todos aqueles que se apaixonaram  
pelos seus melhores amigos;  
E para aqueles que se sentem perdidos na vida,  
Há sempre uma solução.  
E, às vezes, está mesmo debaixo  
dos nossos narizes.*



*1.º Dia*



LEO

Assim que senti o carro aos solavancos, sorri. Há certos sons, cheiros, imagens, sabores, *sensações* que nos encham de uma nostalgia profunda, de uma alegria de tal forma despreocupada que, por momentos, a pureza volta aos nossos olhos e o entusiasmo inocente às nossas vozes já irreconhecivelmente grossas.

Aqueles solavancos, aqueles trambolhões ao longo do alcatrão comicamente irregular debaixo dos pneus, fizeram-me sentir exatamente isso: uma criança outra vez.

Olhei pela janela. A estrada era tão estreita que os espelhos do carro ameaçavam roçar nas paredes das casas.

Reparei que a Teresa, que viajava no banco de trás oposto ao meu, levantara os olhos do telemóvel, onde ainda há pouco tentava apanhar dados móveis e consultar as redes sociais. Agora, sem opção, também ela analisava as fachadas brancas das casas ao nosso redor, todas juntinhas umas às outras, com estendais pendurados em janelas rústicas e portas de madeira emolduradas de cores vivas.

— Pensei que vínhamos para o Algarve, não para o meio de uma vilazinha — disse ela, de sobranceira erguida.

— Surpresa das surpresas: existem vilazinhas no Algarve — repliquei.

Ela olhou-me de soslaio, forjando impaciência. O canto do lábio elevado, no entanto, denunciou-a.



— Tu percebeste o que eu queria dizer.

— Eu acho é que estamos há tanto tempo enfiados neste carro que já começaste a baralhar os teus conceitos geográficos.

Ela estalou a língua.

— Meu *Deus*, Leo, tu às vezes és mesmo *chato*, não és?

Ri-me mais alto do que queria. Os solavancos agravaram-se. A t-shirt colava-se ao meu corpo magro devido ao calor, embora o ar condicionado estivesse ligado.

— Acho que já estamos neste carro há mais tempo do que é recomendado — declarei.

No lugar do condutor, o meu pai baixou o som do rádio.

— Cara Teresa, é essa a magia de Loulé. Aqui, tens o melhor dos dois mundos: de um lado, a paz do campo, do outro, a proximidade do centro e das melhores praias da zona. Não há melhor que isto!

— Confirmo — intervim, entusiasmado, de indicador erguido. — Temos de planear pelo menos um dia só para ficarmos pela piscina e irmos à cascata aqui da zona; outro para irmos à praia da Quarteira; *ah*, e também temos de ir à Marina de Vilamoura, que aquilo à noite é espetacular! — Virei-me para a Teresa. — Se quiseres *muito*, também podemos ir ao *Aquashow*. Não sei quanto a ti, mas eu, pessoalmente, não faço questão de mergulhar em chichi de crianças. Há quem diga que o cloro desinfeta isso tudo, mas...

— Calma aí, Leo — interrompeu o meu pai. — Não te esqueças de que este ano tens de guardar pelo menos uma horinha todos os dias para estudar.

O seu tom não foi especialmente ácido ou ameaçador, mas, ainda assim, endireitei-me no assento, defensivo.

A mãe da Teresa virou o rosto na direção do companheiro. Um silêncio tenso instalou-se no ar.

— Oh Luís... deixa lá o miúdo, vamos de férias!



*Obrigado, Eugénia.*

O meu pai lançou-me um olhar de advertência através do espelho.

— Não te vai custar nada, filho, já falámos sobre isto. Quanto mais depressa entrares na universidade, melhor é para ti. Acredita em mim, que também já passei por isso e sei do que falo. — Fez uma pausa, encolhendo os ombros. — É que já se passaram dois anos, Leonardo. E tu és tão inteligente! É um desperdício continuares a trabalhar naquele restaurante.

Não respondi.

— E de certeza que o Tiago te vai ajudar com isso — garantiu ele, por fim, piscando-me o olho. De seguida, voltou a aumentar o volume do rádio e a focar a atenção na estrada à sua frente.

Apesar de saber que o Poças me ajudaria sem hesitar no que eu precisasse (fá-lo-ia com gosto, na verdade), a ideia de pegar em livros da escola durante as férias agoniava-me.

Bufei, encostando a cabeça ao vidro.

O meu pai conseguia ser o homem mais desmancha-prazeres à face da Terra.

Porém, o que mais me irritava era saber que ele tinha razão.

Pedir a um adolescente de 17 anos para escolher o que fazer para o resto da vida era a coisa mais estapafúrdia que eu já ouvira na minha vida — e isso era dizer muito vindo de mim, que consumia regularmente todo o tipo de reality shows e trash tv (não era algo de que me orgulhasse, no entanto, tendia a ser facilmente entretido pela burrice dos outros). Como tal, quando chegou a minha vez de escolher o meu futuro, optei por enfiar a cabeça na areia como a completa avestruz que sou.

Algumas pessoas disseram-me que foi a opção certa: se não sabes o que queres, faz uma pausa de um ano para trabalhar e viajar. Tens tempo para decidir. É melhor do que escolheres um curso só porque sim e depois arrependeres-te.



Apesar de não ter adorado a ideia de deixar a minha vida em stand-by, sempre concordei com esse ponto de vista; sempre soube que era o mais correto a fazer. Seguir o meu instinto.

Mas já se tinham passado dois anos desde que concluía o secundário. Estava prestes a fazer 20 anos. Uma nova época de exames aproximava-se e eu continuava sem saber qual o próximo passo a dar, demasiado confortável no meu emprego como assistente de cozinha, mas farto da sensação claustrofóbica de que estava a ficar *irremediavelmente* para trás; de que estava preso no tempo e no espaço, estagnado entre massas que não paravam de evoluir e crescer.

E tudo se agravava há cerca de um ano, quando o meu pai começara a namorar oficialmente com a Eugénia.

Por que *raio* é que o meu pai haveria de ter conhecido uma mulher com uma filha tão... *perfeita*?

Quero dizer, pensando bem, a Teresa não era perfeita, nem de perto nem de longe: detentora de uma impaciência anedótica de quem tinha asco a esperar pelo que quer que fosse, era demasiado competitiva em jogos de tabuleiro e revirava os olhos como quem pestanejava.

Aliás, quando conheci a minha nova meia-irmã, no dia em que jantámos os quatro pela primeira vez em minha casa, tive a certeza absoluta de que nunca seríamos amigos, apesar de sermos sensivelmente da mesma idade e de os nossos pais estarem ridiculamente apaixonados.

Talvez fosse apenas preconceito da minha parte, mas a postura reta com que a Teresa andava conferia-lhe um ar demasiado rígido, demasiado *adulto* para os seus 21 anos, o que me deixava sempre desconcertado. O cabelo cortado num *bob* perfeito, acompanhado da cara fechada que transportava constantemente, também não me inspiraram confiança. Tinha aspeto de pessoa confrontativa que discutia agressivamente por diversão, tipo



aquelas funcionárias carrancudas da função pública. Pelo menos, eu soube de imediato que não queria entrar em conflito com ela. E isto também se aplicava a uma luta corporal, pois até o seu porte físico era intimidante: possuía ombros largos e pernas compridas, e devia ter quase um metro e oitenta, sendo, portanto, praticamente da minha altura.

Ela também não foi com a minha cara, a princípio.

Nesse dia, olhou-me de alto a baixo, provavelmente espantada com o meu estilo, algo a que eu já estava parcialmente habituado. Não era toda a gente que gostava de combinar camisolas de padrões coloridos com calças de xadrez pelos tornozelos e sapatos clássicos. Ou foi isso, ou foram os meus óculos redondos de padrão de tartaruga, ou as unhas curtas pintadas, ou os anéis a enfeitarem-me os dedos.

As comparações aconteciam sempre que se mencionava algo relacionado com a universidade — fossem as aulas, os convívios ou uma boa nota.

Quando dava por ela, já estava o meu pai a sussurrar: «E tu, Leo? Já pensaste no que queres seguir na universidade?» Eu moradia a língua para conter a resposta: Acredita, se soubesse, eras a primeira pessoa a quem contaria.

Mas por mais que eu quisesse detestar a Teresa por me ter tornado num objeto de tão fácil comparação, depois de ter sido obrigado a passar mais tempo com ela, cheguei à conclusão de que eu *já* seria capaz de tal.

Por detrás da resting bitch face, a Teresa era uma pessoa acessível e surpreendentemente engraçada. Era a única que se ria das minhas piadas controversas à mesa e que elogiava as action figures dos meus jogos e filmes favoritos espalhadas pelos móveis da sala de estar.

Meses depois, era a Teresa quem permanecia acordada à minha espera quando eu ficava retido no restaurante; quem me



perguntava se estava tudo bem sempre que eu insistia em ir deitar-me mais cedo do que o costume, quem me trazia um pastel de nata do café sem eu pedir, quem me enviava memes ou vídeos engraçados de cães que me faziam rir pelo nariz, quem me fazia companhia a ver as novas séries e filmes do momento para, no final, fazermos toda uma análise da sua qualidade.

Acima de tudo, passou a ser ela a pessoa a quem eu recorria quando necessitava urgentemente de um bom conselho. Ela possuía a mistura perfeita entre a frontalidade do Gordon Ramsey em qualquer episódio de *Pesadelo na Cozinha*, e o bom senso de um velho sábio que já carregava mil vidas nas costas.

Olhei para ela, sentada a um assento de distância no carro. Devolvera a atenção de novo para o telemóvel.



Assim que fechei a porta do carro atrás de mim e absorvi o ar daquele lugar, uma sensação arrebatadora apoderou-se do meu peito.

O aroma refrescante do pinhal consumiu-me. Os raios de sol acariciaram-me a pele com a ternura de uma mãe, como se eu pertencesse ali. Como se nunca me tivesse ido embora.

Era um conforto quase visceral, o de voltar ao sítio onde fora feliz durante tanto tempo; um lugar onde, em cada canto, moravam memórias tão vívidas, quase tangíveis — gargalhadas estrondosas, vozes animadas, jogos idiotas, noites infinitas. E não moravam apenas na grande casa de férias que se erguia à minha frente: moravam também na calçada gasta, na vizinhança envelhecida que já nos conhecia, nos pássaros que cantarolavam nos ramos das árvores, na tinta colorida que emoldurava as janelas e as portas das casas, na praia e nas cascatas da zona. Moravam até nos turistas que se aventuravam por ali, longe da confusão.



Voltar a Loulé enchia-me a alma de algo fresco e libertador, que eu não conseguia expressar devidamente ou replicar em qualquer outro lugar do mundo.

Nunca ninguém falava do interior do Algarve. O Sul era certamente agradável: cheio de vida, movimento, praias de cortar a respiração e estrangeiros com sotaques redondos, caras vermelhas e cabelos de prata.

Mas ali, no interior, havia algo de mais íntimo. Havia um sossego especial.

Talvez o achasse porque apenas visitava aquele lugar quando me encontrava, efetivamente, *de férias* — quando não estava afogado em horários, tarefas acumuladas, deadlines apertadas e colegas de trabalho um pouco irritantes demais.

Mas, de facto, ali as cores pareciam mais vívidas, mais garriadas: as folhas das árvores eram de um verde intenso, e a fruta de um vermelho-escuro suculento. A comida sabia melhor, talvez por ser inteiramente caseira, diferente das refeições rápidas com que eu mal sobrevivia em Lisboa, ou até das que servia no restaurante onde trabalhava.

Ali, ouviam-se os grilos cantar durante a noite e, durante o dia, o chilrear calmo dos pássaros e os sons dos animais da quinta, ao invés das buzinas, do trânsito e das vozes insaciáveis a que eu estava habituado.

Ali, as pessoas eram simples e bondosas, protegidas da corrupção da cidade.

Sentia que viajava para uma dimensão diferente sempre que ali voltava depois de um ano seguido imerso na confusão de Lisboa. E eu adorava essa dimensão. Adorava-a tanto que, por vezes, imaginava viver nela por inteiro. Mergulhar nela completamente. Afastar-me das responsabilidades e da correria da vida real. Abraçar a pele queimada pelo sol e o cabelo permanentemente húmido da água salgada do mar.



Talvez não fosse para mim. Talvez tudo aquilo perdesse a magia se não estivesse associado à beleza da efemeridade.

Ainda assim, gostava de imaginar que não.

Tanto o meu pai como eu passáramos grande parte das nossas infâncias entre o interior de Loulé, Albufeira e Quarteira. Na verdade, o meu pai nascera e andara na escola ali. Fora onde crescera, onde conhecera os seus melhores amigos, onde tivera a sua primeira namorada, onde conduzira o seu primeiro carro. A sua ligação com aquele sítio era natural, inevitável.

Por isso, todos os anos procurávamos voltar, rever velhos amigos e familiares. Connosco, carregávamos memórias gastas, revivíamo-las incansavelmente em conjunto para que nunca se perdessem.

E, durante o processo, criávamos mais algumas.



Com as rodinhas das malas a reverberar atrás de nós, dirigimo-nos ao alpendre da casa. Pela primeira vez em doze meses, o meu pai rodou a chave antiga na ranhura da porta de entrada que, com um clique metálico, se abriu para nos acolher. Ao entrar, pousámos as mochilas e pertences e abrimos de imediato os estores e as janelas para deixar a luz entrar.

Apesar de o meu pai ter investido uns bons tostões na renovação daquela habitação, pois planeava passar lá grande parte da reforma, a casa nunca perdera a sua essência, a sua capacidade de me fazer sentir aconchegado. As divisões amplas e ligadas entre si forçavam o convívio e as grandes janelas viradas para o sol enchiam a sala de luz natural.

O meu pai e a Eugénia tinham subido para o primeiro andar com as malas de roupa. A Teresa caminhava pela sala e pela cozinha, olhando em volta com curiosidade.



— Olha, Leo, uma cadeirinha! Era tua? — perguntou, entre risos, apontando para a minúscula cadeira de madeira encostada a um canto, na cozinha.

Revirei os olhos.

— Eu e as minhas primas *lutávamos* para ver quem se sentava aí. Tipo, literalmente mordíamos-nos, arranhávamo-nos e espetávamos sopapos uns nos outros. — Sorri debilmente perante a memória. Torci o braço nu e mostrei-lhe uma pequena cicatriz no interior do bíceps. — Ainda tenho marcas de guerra. Era uma honra ficar aí às refeições, fica sabendo.

Ela arregalou um pouco os olhos.

— A Lili e a Soraia pareceram-me tranquilas quando as conheci. Gargalhei.

— Bem, tu conheceste-as já em adultas. Tiveste essa sorte. Não terias sobrevivido aqui um dia que fosse nos velhos tempos, Teresa.

— Subestimas-me. Também eu fui uma criança caótica — disse ela, arrumando alguns dos mantimentos que trouxéramos no frigorífico. — No dia em que a minha mãe me comprou a primeira tesoura para as aulas de educação visual, eu cortei-lhe o cabelo enquanto ela estava a dormir a sesta no sofá.

— Surpreendentemente, isso não me choca.

— Acho que *eu* sou a razão pela qual ela não quis ter mais filhos.

Ri de novo, também eu esvaziando as lancheiras que entretanto já estavam espalhadas pela cozinha.

— Relembra-me porque é que as tuas primas não vêm este ano — perguntou, após uns minutos de silêncio.

A minha mão hesitou sobre a garrafa de azeite que acabara de agarrar.

— Estão ambas a fazer estágios de verão. Estágios universitários.



— *Ah* — limitou-se a responder. Deve ter captado o meu desconforto, pois apressou-se a mudar de assunto. — *Porra*, esta casa é mesmo enorme.

Sorri-lhe.

— E ainda não viste os quartos nem a piscina.



Mostrei os três quartos à Teresa.

Nos outros anos, era costume um quarto ficar para os meus pais, outro para os meus tios e o outro ou para mim ou para as minhas primas. Quem sobrasse dormia na sala — que, na verdade, era a divisão mais fresca da casa, e os sofás abriam em sofás-cama bastante confortáveis. Muitas noites, eu, as minhas primas, os dois irmãos Poças e, por vezes, mais um ou outro primo deles, acabávamos por dormir todos amontoados na sala, entre sofás e colchões improvisados no chão.

Os meus pais sempre gostaram de ter a casa cheia de crianças.

Este ano tudo seria muito diferente. Era a primeira vez que o meu pai trazia alguém desde a separação da minha mãe. Era também a primeira vez que a Teresa vinha. E a maior parte dos miúdos que tinham dormido naquela sala comigo não estariam cá; agora, tinham outras responsabilidades nos seus respetivos cantos do país (alguns no estrangeiro) que os afastavam de Loulé.

Pelo menos, o Poças estaria aqui. Conseguia enfrentar umas férias no Algarve sem a Lili, sem a Soraia ou sem o Gonçalo, mas nunca sem ele. Nunca sem o meu melhor amigo.

Lá fora, mostrei a piscina à Teresa, atrás da casa. Já estava limpa, pois o meu pai contratara uma pessoa para a preparar uns dias antes de chegarmos.

— Uau! Parecia mais pequena nas fotos — disse ela.





Havia um aroma delicioso a carne grelhada no ar, indicando-me que alguém da vizinhança preparava um churrasco para o almoço. Ao redor da piscina, o chão de pedra bege começava a aquecer devido ao calor. Ao lado, a relva recentemente cortada convidava a estender uma toalha. A água azulada transparente encarava-me de tal forma que nem pensei quando me descalcei e me sentei à sua beira, mergulhando os tornozelos. A sensação de frio nas minhas pernas fez-me suspirar de prazer.

— Gostas mesmo deste sítio, hein? — perguntou, instalando-se ao meu lado. Ouvi-a soltar um sibilo quando também ela se descalçou e mergulhou as pernas.

— É o paraíso na Terra. O que é que há para não gostar?

— Eu sei, eu sei. Mas... pareces *mesmo* feliz. Só isso.

Apoiei-me nas mãos pousadas atrás de mim. Fingi refletir nas suas palavras.

— Pareço-te feliz porque estou finalmente a respirar ar puro depois de duas horas e meia enfiado num carro a ferver com o meu pai a cantar.

Ela estalou a língua.

— Também pensei que ele se cansasse depois da primeira meia hora. Acho que vou ficar com aquela música do *The Weeknd* na cabeça durante o resto da semana. — Depois de uma pequena pausa, encarou-me. — Mas não é só isso. Desde que chegámos que não paras de sorrir como um idiota.

Cruzei os braços, forçando os cantos da minha boca a voltarem ao sítio, e fitei-a de volta.

— O Algarve é um sítio especial para mim. — Houve algo, quiçá um indício de vulnerabilidade, que se instalou na minha voz. — É a melhor parte do meu ano.

O olhar dela hesitava em manter-se focado na minha cara, desviando-se constantemente para o meu polo. Eu sabia que ela o odiava, pois já tinha feito questão de me dizer múltiplas vezes



que os padrões lhe faziam doer os olhos. No entanto, também me dissera que admirava o meu dom de conseguir vestir qualquer coisa sem parecer um *palhaço autêntico*, o que considerei um elogio, vindo dela.

— Assim fico com as expectativas altas — acabou por dizer.

— Estão a corresponder, até agora?

Ela pareceu ponderar durante um pouco.

— Diria que sim. Mas estava aqui a pensar... temos Internet? Aqui na tua casa de férias?

A minha cabeça pendeu ligeiramente para o lado.

— Temos, mas aviso já que a rede não é a melhor...

— Certo. — Suspirou. — Se soubesse, tinha trazido um livro ou assim.

Franzi o rosto. Nunca a vira ler nada que não os seus livros técnicos de ciência política.

— Não, não tinhas.

— Tens razão, não tinha.

Expirei em jeito de riso. Ficámos em silêncio durante um momento.

— Deduzo que também estejas feliz por rever o Poças. Falas-me tão bem dele que começo a achar que é algum semideus — retomou.

— Não te atrevas a dizer-lhe que te falei bem dele, e muito menos a chamar-lhe *semideus*, senão, não se vai calar com isso o resto da semana — adverti.

A imagem dele — do seu sorriso travesso, do seu constante ar de quem estava a tramar alguma — assomou-me à mente. Era uma imagem que já estava um pouco mais turva do que eu queria.

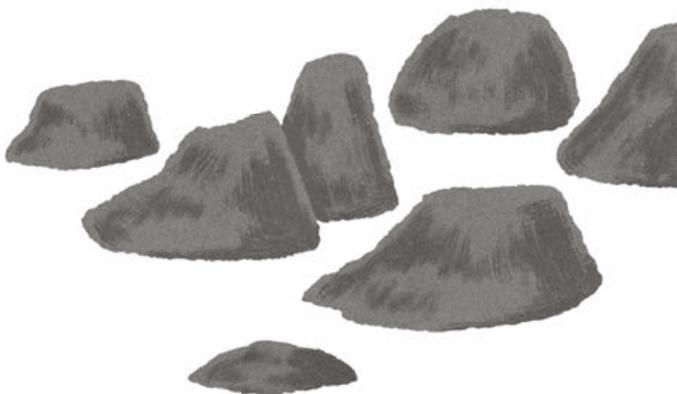
Desconfiava de que este fenómeno se devesse a eu passar tantos verões com ele, mas a verdade é que o Tiago Poças me lembrava a própria personificação daquela estação do ano. Talvez fosse



## ONDE O TEMPO PARA

do cabelo loiro sujo que, quando bem iluminado, se assemelhava ao dourado do pôr do sol. Talvez fosse pelos fios que lhe caíam sobre a testa e as têmporas, rebeldes, sem qualquer direção, pois, ao contrário de mim, o Poças recusava-se a usar qualquer tipo de produto para o domar. Talvez fosse das sardas que lhe salpicavam o nariz de forma espontânea, como a própria natureza. Ou talvez fosse só a forma inerentemente alegre e carismática como ele falava e agia, ou o modo espalhafatoso como se ria.

Sorri, apercebendo-me de que mal podia esperar para o ver de novo.





LEO

Os Poças também eram originários de Loulé, mas moravam em Coimbra. Por norma, combinavam as suas férias conosco todos os anos.

Eles chegaram somente uns minutos depois de eu e a minha meia-irmã voltarmos para dentro. O Tiago foi o primeiro a atravessar a entrada, seguido do pai, o João, e da mãe, a Lúcia.

O meu coração acelerou um pouco quando o vi. Já passara um ano.

Eles bradaram cumprimentos alegres, enchendo imediatamente a casa de uma energia quente e contagiante. Vi o Poças olhar em volta. Assim que o seu olhar encontrou o meu, exclamou o meu nome e correu disparado na minha direção.

Abraçou-me com força, esmagando-me. Cheirava a verão: um misto de algum tipo de fruta doce com protetor solar, um aroma único, *dele*. Retribuí o gesto. Ele sempre fora muito dado ao contacto físico, algo que nunca me incomodara, embora, por vezes, eu gostasse de fingir que sim.

Quando se afastou, não me largou de imediato.

Estudei-o rapidamente: a primeira coisa que me chamou a atenção foi o cabelo a precisar de um corte, com as muitas ondas volumosas a agitarem-se no topo e dos lados da cabeça. Davam vontade de apertar, para sentir se eram tão macias quanto pareciam.

A segunda foram os ombros, pois pareciam mais largos do que me recordava.



Ele observava-me de volta, extasiado. O seu olhar curioso percorreu o meu tronco.

— Eh, Leo, gosto do polo! — exclamou, com um sorriso que lhe diminuiu o tamanho dos olhos. — Pareces um ator de *Hollywood!*

Ouvir a sua voz depois de tanto tempo sem ser através de uns auriculares era desconcertante; arrebatador, quase. Era um pouco como ouvir uma música favorita finalmente tocada e cantada ao vivo, desta vez com a batida e os instrumentos a vibrarem-me dentro do corpo.

— Já me disseram hoje que parecia um pai divorciado — confessei, referindo-me a um dos vários comentários da Teresa. — Mas prefiro o teu ponto de vista.

Ele gargalhou alto, tombando a cabeça para trás. Reprimi a ânsia de o analisar mais um pouco, de embeber cada pormenor novo. Ainda estava a acostumar-me novamente à sua presença.

Vestia uma simples t-shirt branca que lhe marcava os ombros e o peito, agora mais definidos do que no ano passado, e uns calções de banho pretos sobre as pernas compridas. Quase jurava que já o vira com aquele outfit umas quinhentas vezes, algo que, inevitavelmente, me trazia um certo conforto. Era como uma garantia de que tudo podia mudar na minha vida, mas o Poças estaria sempre ali, em Loulé, com aquelas roupas já gastas e aquele sorriso torto no rosto.

— Acho que *pai divorciado* também não fica muito longe. Mas serias um pai divorciado, tipo, rico e bem-sucedido — opinou ele.

— Daqueles que trabalham demais e só estão com os filhos ao fim de semana?

— *Ya*, isso. Daqueles que compram aos filhos tudo o que eles querem, tipo brinquedos e gelados, para os conquistar a todo o custo.

— E depois os putos ficam insuportáveis e mimados e é a mãe quem tem de os pôr na linha.



— Exatamente.

— Oh, meu Deus! Acho que vou ter de me livrar do polo, então. — Ri.

Apercebi-me de que ainda não parara de sorrir desde que ele chegara.

Era por isso que, mesmo depois da quantidade de gente que conhecera em Lisboa, o considerava o meu melhor amigo: fazia-me rir como ninguém, *compreendia-me* como ninguém. Ao lado dele, os meus outros amigos lisboetas eram cinzentos e aborrecidos, meras violas desafinadas.

O que mais me confortava na nossa relação era que o facto de estarmos afastados durante vários meses seguidos não nos afetava, nunca. Mesmo que trouxéssemos uma carrada de novidades às costas ou que as nossas vidas tivessem dado voltas de 180 graus, quando retornávamos ali, éramos os mesmos Leo e Poças de sempre.

— Não, que desperdício. Não faças isso. Fica-te bem — disse ele, finalmente soltando-me o ombro.

— Obrigado. Lambe-botas.

Ele riu pelo nariz face ao insulto.

Olhei em volta mais uma vez.

— O Gonçalo? — perguntei.

— Este ano não consegui vir. Sabes como é. Agora tem de cuidar da nova família — replicou, piscando-me o olho.

Era muito fácil esquecer-me de que o Gonçalo, o irmão mais velho do Poças, já estava noivo e à espera do primeiro filho. As recordações do rosto acriançado, transpirado devido às nossas correrias, estavam ainda demasiado vívidas na minha memória.

— Como já sabes, Teresa, este é o Poças. Poças, esta é a minha nova irmã, Teresa — informei, numa mera formalidade, pois tanto ela como ele sabiam perfeitamente quem era quem, visto que eu já falara a ambos acerca um do outro.





Ele esticou logo a mão na direção dela.

— Então, és tu quem tem o privilégio de viver com o Leo em Lisboa enquanto eu estou preso em Coimbra? Prazer.

Ela examinou-o por uns momentos. Dei por mim a alternar o olhar entre ambos, subitamente nervoso. Era estranho (e fascinante) assistir ao primeiro encontro entre os meus dois melhores amigos.

— Não é um privilégio assim tão grande. E igualmente. — Ela apertou-lhe a mão num movimento rápido.

— Ela está a mentir. Ela adora viver comigo — intervim.

— Não quando ficas a ouvir música no teu quarto até tarde — retorquiu, tão rápido que tive a certeza de que já tinha aquilo entalado na garganta há algum tempo. — Auscultadores, fones. Conheces?

— Olha, não és a única a ter queixas — aproveitei para dizer. O Poças tinha um sorriso contido sobre os lábios enquanto ouvia a nossa discussão. — Nunca te vi pegar numa colher de pau ou num pacote de arroz.

— Eu cozinho, às vezes!

— Enfiar pizzas semicongeladas no forno e misturar cereais no leite não conta — avisei, de indicador esticado.

— OK, eu não cozinho, é um facto. Porque é que haveria de cozinhar se me trazes comida de restaurante de luxo?

— São restos...

— Não deixa de ser comida *de restaurante de luxo*.

— Uau, é como se fossem irmãos de verdade — interrompeu o Poças. — Chega de discussões. É o seguinte: está a ficar um calor infernal. Proponho irmos fazer uma visita rápida à piscina antes de almoço.

— Proposta aceite — apressei-me a dizer. — Teresa?

Ela cruzou os braços.

— Claro.



## POÇAS

— Teresa, ouvi falar muito bem de ti. Mas não esperes que te vá aceitar nesta família de mão beijada. Isto na vila é uma autêntica *selva* — disse eu, não muito sério, estendendo a toalha na relva. — Vens da cidade, onde podes fazer o que queres e te apetece, não é? Bem, aqui não é assim. Aqui, as pessoas vão reparar em ti. E *julgar-te*. Não é qualquer um que aguenta. Precisas de nos provar que estás à altura de te tornar uma verdadeira *algarvia* do interior.

Havia algumas árvores a rodear a piscina ao nosso lado, fazendo sombra sobre certas zonas. Noutras, batia o sol desenfreado da hora de almoço, levando a água a reluzir. O calor já era difícil de ignorar.

O Leo revirou os olhos, sorrindo.

— Poças...

— Achas que os velhinhos que vivem aqui o ano inteiro são inofensivos? — continuei, retórico. — No ano passado, saí com o Leo em segredo durante a noite para irmos à praia. No dia seguinte, os nossos pais já sabiam. Esta vila tem olhos e ouvidos: os *velhinhos*.

A Teresa olhava-me num misto de confusão e curiosidade. Com certeza, avaliava-me; tentava ler-me, perceber que tipo de pessoa era eu, se estava ou não a falar a sério. Mas eu conseguia ver por detrás do seu sorriso contido que se estava a divertir.

Que já era uma de nós.



— Estás a dizer que as pessoas idosas que vivem aqui me vão... *julgar*? — questionou ela, com uma sobrançelha erguida.

— A toda a hora.

— Ele está a meter-se contigo, Teresa, ignora-o — interrompeu o Leo, com um olhar acusador. Havia, no entanto, uma pista de diversão nos seus olhos; uma pontada de instigação, como quem, secretamente, desejava que eu continuasse.

Talvez aquela fosse a principal razão pela qual gostava tanto dele.

O Leo alinharia de olhos fechados em qualquer estupidez minha, em qualquer plano ou ideia estapafúrdia que eu lhe propusesse. Ouviria as minhas piadas idiotas e rir-se-ia sempre. Era o meu ride or die.

Quando éramos miúdos e nos metíamos em problemas, era quase sempre por minha causa; porque eu o convencia a fazer algo parvo e ele nunca se opunha. Eu sabia que se lhe pedisse francamente para me ajudar a esconder um corpo, ele fá-lo-ia sem pensar duas vezes.

E toda a gente precisava de um amigo desses na vida.

— De qualquer das formas... — retomei, a minha voz misturando-se com o canto leve dos pássaros —, precisas de completar o ritual de iniciação, Teresa. Para te tornares oficialmente uma de nós.

— Ritual... de *iniciação* — repetiu ela. Já pousara os seus pertences na relva aparada debaixo dos nossos pés.

— Ele acabou de inventar isso, já agora — interveio o Leo.

Gesticulei para que ele se calasse. Voltei a olhar na direção dela.

— Estás a ver aquela árvore? — Apontei para uma árvore alta do outro lado da piscina, com ramos tão compridos que se estendiam já sobre a água transparente, e cujas folhas quase tocavam na sua superfície. — Se saltares do ramo mais alto, ficas a



ser oficialmente uma algarvia. Eu e o Leo saltávamos de lá a toda a hora, tal como os outros miúdos daqui.

A Teresa inclinou a cabeça para o lado, avaliando a altura a que estava o ramo.

— Porque é que saltar de uma árvore é... um ritual de iniciação?

Cruzei os braços.

— É simbólico.

— Eu digo-te porquê — interrompeu o Leo, de novo. — Porque o Poças tem a imaginação demasiado fértil e inventa este tipo de coisas para se divertir.

Indiferente, ela despiu o macacão, ficando apenas de fato de banho.

— OK, é só isso? Alinho — disse, por fim, dirigindo-se à árvore. Sem hesitações, agarrou-se aos ramos mais baixos e começou a trepá-la.

Olhei na direção do Leo, de olhos arregalados. Ele limitou-se a encolher os ombros, sorridente.

— Se há algo que tens de aprender sobre a Teresa é que ela não diz que não a um desafio. Por mais estúpido que seja.

De maxilar no chão, deixei-me ficar a observar a nossa convidada içar-se energicamente ao longo da árvore do outro lado da piscina. Fazia-o com uma facilidade surpreendente.

Subitamente entusiasmado, fui incentivando a Teresa, brandando encorajamentos com as mãos abertas em torno da boca, a fazer de megafone. Em menos de dois minutos, ela já estava praticamente no topo.

— *Boa!* Estás quase lá!

Sentado ao meu lado, o Leo soltou um som de desaprovação, também com os olhos postos na meia-irmã.

— Salta desse, Teresa, não subas mais — pediu, notando a dificuldade dela em içar-se sobre o último ramo.



— Sobe! É só mais um! — instiguei.

A voz dele baixou de volume:

— Para de ser uma má influência, por favor. Sei que é mais forte do que tu, mas ainda agora chegámos.

Virei-me para ele, ainda de pé.

As mãos do Leo estavam apoiadas atrás dele, na relva, as pernas magras dobradas à sua frente e os óculos redondos escorregando-lhe ligeiramente para a ponta do nariz. O calor tingia-lhe as maçãs do rosto de rosado e o seu cabelo escuro estava minuciosamente arranjado, puxado para cima com cera. Apenas um par de fios lhe escapavam para a testa.

Ele sempre fora mais apumado do que eu, mais consciente do modo como se apresentava. Ao longo da adolescência, começara a interessar-se por perfumes e cremes e roupa. Mesmo durante os nossos dias descontraídos no Algarve, fazia a cama todas as manhãs e mantinha o quarto num brinco.

Eu admirava isso nele: o controlo que fazia questão de manter na sua vida. Mesmo que se manifestasse nas mais pequenas coisas.

— Ó Leo, então? Não me lembrava de seres tão medricas. Aliás, do que eu me recordo, foste tu quem teve a ideia de saltar daquela árvore da primeira vez — afirmei.

Ele revirou os olhos.

— Isso foi há um século. Já somos *crescidinhos*.

— Ou estás, de facto, mais medricas, ou já estás *carente* por saber que vais ter de partilhar a minha atenção com a Teresa a partir de hoje.

Ele baixou o olhar, abanando a cabeça em reprovação. O canto da sua boca elevou-se perante a subtil provocação.

Não havia nada de que eu gostasse mais, nada que me satisfizesse tanto quanto a ideia de gerar uma reação nas pessoas à minha volta; de as fazer sorrir. Mesmo que isso implicasse dizer uma parvoíce do tamanho do mundo.



Quando se tratava dele, a minha satisfação era significativamente maior. Por isso, também eu dizia parvoíces significativamente maiores.

— Estou carente de que te *comportes*, em vez de desafiares a minha nova meia-irmã a fazer disparates destes. — Ele apontou para a Teresa, que saltou nesse preciso momento. Ouviu-se um splash. — E sempre tive de partilhar a tua *atenção* com a outra malta. E ainda bem. Achas que alguma vez te conseguiria aturar sozinho?

— Acho que *adorarias* aturar-me sozinho.

O rosto dele contorceu-se.

— Isso soa terrivelmente mal.

— Sou a melhor companhia do mundo e tu sabes.

Ele expirou em jeito de riso.

— És o maior convencido do mundo.

Dei-lhe um leve pontapé na coxa. Ele abriu a boca, num misto de choque e diversão, e agarrou-me pelo tornozelo, puxando-me. Uma gargalhada alta escapou-me por entre os lábios.

Naquele momento, éramos crianças outra vez; dois putos idiotas que não precisavam de muito para se divertirem, desde que se tivessem um ao outro.

Quase perdi o equilíbrio, mas ele soltou-me a perna a tempo de não cair. Estava prestes a dizer qualquer coisa, a acusá-lo de ser um *magricelas sem força*, mas a voz desapontada da Teresa impediu-me:

— Não acredito que me fizeram saltar e nem sequer estavam a olhar para mim!

Ups.

Aproximei-me da beira da piscina, onde ela estava, com os braços apoiados na pedra e os cabelos molhados a colarem-se às laterais do rosto. Baixei-me, ficando ao seu nível.

— Minha cara Teresa — disse, fitando-a —, fazes oficialmente parte da família!





— A maneira como subiste àquela árvore... Não sabia que o Leo tinha uma meia-irmã tão aventureira. Começo mesmo a achar que devias substituí-lo como meu melhor amigo. Ele já está a precisar de reforma, de qualquer modo — declarei, deitando-me de barriga na toalha.

Sacudi o cabelo molhado na direção do Leo de propósito, porém, para minha infelicidade, ele mal reagiu às gotas frias contra a sua pele, contorcendo-se apenas ligeiramente. Também ele já secava do curto mergulho que dera.

— Isso querias tu. Não te livras de mim assim tão facilmente — rumorejou, com a bochecha encostada à toalha. Parecia tão relaxado perante o sol a afagar-lhe as costas que provavelmente poderia cair no sono a qualquer momento.

— Ei, estás com ciúmes? — provocou a Teresa, com um meio-sorriso. — É o primeiro dia e já te roubei o amigo?

Ele estalou a língua.

— Estou a zelar pela tua sanidade mental, Teresa. Devias estar agradecida. Não quererias este fardo.

— Não há necessidade de lutarem por mim — intervim, levantando a voz de forma teatral. Pousei-lhe a mão no ombro. — E Leo, não precisas de ter ciúmes. Podemos fazer conchinha à mesma durante a noite.

Ele sacudiu o meu toque assim que o seu cérebro sonolento processou as minhas palavras.

— *Quê?* — Riu, incrédulo, levantando a cabeça.

Fingi-me desentendido, com um sorriso a querer brotar-me dos lábios.

— O que foi? Nunca disseste à Teresa que dormimos sempre em conchinha, os dois? É tradição. Ela também está convidada.



Ele soltou uma gargalhada abafada por ter o peito contra a toalha, mas foi tão genuína que me empertiguei no lugar, vitorioso.

— Ele não está a falar a sério — apressou-se ele a explicar, perante o semblante extremamente confuso da rapariga ao nosso lado que, claramente, ainda não conhecia o meu sentido de humor. Depois, fitou-me, de expressão cúmplice no rosto. — Ambos sabemos que a única pessoa com quem querias dormir em conchinha era a Sofia.

— *Leo*. — Ri-me. Porque rir era o meu mecanismo de defesa.

Ele riu-se também, sem detetar o leve incómodo que se instalara mim.

— Disse alguma mentira?

— Quem é a Sofia? — perguntou a Teresa.

— É a ex dele. Que ele ainda não esqueceu.

— Eu já esqueci a Sofia — garanti, com honestidade. O seu nome, no entanto, ainda me causava um ligeiro nó na garganta.

— Tu lá sabes — respondeu ele.

Eu e a Sofia tínhamos sido um dos casais mais populares da escola secundária. Namoráramos durante mais de três anos até que, depois dos primeiros meses de faculdade, ela quis terminar a relação.

Olhando para trás, era um pouco óbvio que as coisas não iam resultar a longo prazo entre nós: éramos demasiado novos e inexperientes, e nem sequer éramos assim tão compatíveis.

Mas não vou mentir: quando ela acabou tudo comigo, apanhou-me desprevenido. Foi um autêntico pontapé no ego, além de que, a esse ponto, eu já estava completamente mergulhado naquela relação até ao pescoço.

Já se passara mais de um ano. E, embora já não tivesse saudades dela ou pensasse sobre ela regularmente, a situação afetara a forma como eu via o amor romântico, que antes tomava como uma força incondicional, e agora se tornara algo com uma conotação mais volátil e imprevisível.



— Vês, Teresa. Ele é tão ciumento que está sempre a mencionar a minha ex — brinquei, fazendo-os rir de novo. Apressei-me a mudar de assunto. — E tu, Leo? O que tens feito? Temos muita conversa para pôr em dia.

Ele virou-se na toalha, ficando agora de barriga para cima. Imitei-o, sentindo as costas demasiado quentes.

— Nada de especial. Trabalho, casa; casa, trabalho. É o que é.

— Tinhas-me dito há uns tempos que ias repetir os exames para ir para a faculdade. Já... tens alguma ideia do que vais escolher?

— Nem por isso. — Não parecia interessado em prolongar a conversa. Na verdade, deu-me a impressão que a minha questão o deixou desconfortável, dado o modo como se voltou a mover na toalha e como a sua voz baixou de volume.

A Teresa levantou os olhos do telemóvel. Perscrutou o Leo de sobrolho franzido, como se se tivesse apercebido do mesmo que eu. Para minha surpresa, interveio:

— Vá, veste lá o teu polo horrendo e vamos — ordenou, com um pigarreio, dirigindo-se a ele. Depois, levantou-se, encarando-me também a mim. — A minha mãe disse para voltarmos por volta desta hora. O almoço já deve estar pronto.



A casa da minha família situava-se na mesma rua da dos Silvestres; na rua onde os nossos pais se tinham conhecido, ainda crianças, e desfrutado da sua infância. Não era uma casa tão espaçosa como a deles, nem tinha piscina, nem era tão moderna: ali, a decoração era mais escura, clássica, a mobília em madeira trabalhada diferente do tom minimalista que marcava a casa dos Silvestres.

Recordava-me de várias noites em que o Leo escapara da sua casa — especialmente depois das brigas idiotas que tinha com as



primas —, refugiando-se na minha. Nessas noites, dormíamos os dois na sala, eu no sofá e ele no chão, em cima de um pequeno colchão que ele trouxera às escondidas de casa, dobrado debaixo do braço. Às vezes, o Gonçalo juntava-se a nós: ficávamos os três até tarde a construir fortes com as almofadas do sofá, fingindo ser reis de países diferentes a disputar território. Eventualmente, os meus pais vinham queixar-se do barulho e desligavam as luzes para nos obrigar a dormir. O meu irmão acabava por voltar para a cama, que partilhava comigo, mas eu insistia sempre em ficar na sala com o Leo. Numas noites, adormecíamos logo; noutras, ficávamos a tagarelar e a rir baixinho até ao amanhecer.

— Oh, meu deus — murmurou a Teresa, depois de provar o guisado à sua frente. — Isto... *é tão bom.*

— É carne de borrego criado aqui na zona. A dona Aurora ofereceu-nos logo que chegámos — explicou o meu pai.

— As batatas e as couves também vieram da horta dela — completou o Luís. — Aquela mulher é uma força da natureza. Tão velhinha e nunca para quieta!

— Ela sempre foi assim. Quando éramos miúdos, era a que se levantava mais cedo e a que se ia deitar mais tarde — respondeu o meu pai, afetuosamente.

A conversa alongou-se, o meu pai e o Luís trocaram histórias sobre os habitantes da terra, partilhando peripécias com mais de 40 anos que faziam questão de lembrar sempre que estavam juntos. A Eugénia e a Lúcia gargalhavam. Quando o Luís mencionou que, aos 7 anos, fugira assertivamente por toda a vila de um grupo de galinhas que se soltara de um galinheiro, também eu, o Leo e a Teresa nos rimos alto.

Limpei o prato com rapidez, sentindo que não comia uma refeição tão deliciosa há demasiado tempo. A mesa foi levantada por mim e pelo meu pai, e voltámos da cozinha com fruta para a sobremesa.



— Leo, estava aqui a falar com a Lúcia — começou o Luís, enquanto descascava uma maçã, sentado ao pé da minha mãe. — O Tiago está a tirar engenharia lá em Coimbra e dá explicações aos miúdos do secundário, não é? — Olhou para mim com curiosidade.

O Luís tratava-me sempre pelo primeiro nome.

— Sim, é — repliquei, bebericando o meu refrigerante.

Ele continuou, entusiasmado:

— Era pedir-te muito que ajudasses o Leonardo com uma ou duas disciplinas? Ele já te deve ter dito, mas vai repetir os exames daqui a um mês. Os que ele fez já passaram de validade para a candidatura à universidade — explicou. — E era bom que tivesse boas notas, para depois ter liberdade de escolher o que quisesse!

Vi o Leo mexer-se desconfortavelmente na cadeira.

— Pai...

— O quê, filho? De certeza que o Tiago não se importava nada! Podemos pagar as explicações e tudo. A Lúcia até disse que era boa ideia.

O Leo suspirou, derrotado.

— Não me importo nada — apressei-me a garantir. — E não é preciso pagarem, como é óbvio. O Leo é da família.

Analisei-o. Parecia, sem dúvida, incomodado.

— Vês! Que grande ajuda que vai ser! Calhando, o Tiago ainda te ajuda a escolher um curso de que gostes, não?

O Leo encolheu os ombros, encarando o tampo da mesa.

— Não te quero estragar as férias, Poças — confessou, agora olhando diretamente para mim.

— Mas o Tiago não se importa...

— Eu não me importo, Leo — reforcei, fitando-o com cuidado, numa tentativa de o tranquilizar.

Os ombros dele descaíram. Ainda parecia contrariado, mas cedeu:

— Está bem.



# Todos os verões trazem o Leo e o Poças ao encontro um do outro...



Melhores amigos de infância, confidentes, parceiros  
– conhecem-se como às palmas das mãos.

Este ano, preso entre dúvidas sobre o seu futuro  
e noites em branco intermináveis, o Leo dá por  
si com uma nova vontade a crescer-lhe no peito.

De súbito, a linha que separa  
a amizade do desejo esbate-se.

Os sorrisos fáceis, as provocações,  
as palavras por dizer, os olhares demorados,  
os toques que parecem durar um segundo a mais...

Este verão, algo mudou.  
Ou talvez tenha estado sempre lá.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](#)  
[@secretsocietypt](#)  
[#seekthebutterfly](#)

ISBN: 978-989-583-806-6



9 789895 838066

